

O olhar dominante no filme *Meninas Malvadas*¹

The dominant look at Mean Girls

Bárbara TORISU LEMOS²

Resumo

O patriarcado influencia na forma como os indivíduos criam suas visões e concepções das mulheres. Os meios de comunicação podem contribuir para que esse enquadramento seja difundido. O objetivo deste artigo busca analisar o olhar que as personagens femininas têm sobre as outras no *Meninas Malvadas* (2004), com base nos conceitos sobre o patriarcado, da Christine Delphy (2009), e na forma do olhar masculino da Ann Kaplan (1995), por meio da análise fílmica da Manuela Penafri (2009). Para nortear essa discussão, utilizamos os enquadramentos das cenas para verificar como o olhar masculino está inserido no fílmico. Percebemos que Jane se apropria dele e que as mulheres também podem se apropriar esse olhar.

Palavras-chave: Patriarcado. *Meninas malvadas*. Análise fílmica. Olhar masculino.

Abstract

The patriarchy influences the way that the peoples creates their on vision and conceptions about the womens. The medias can contribute for this frameworks difusion. The objective of this article is to analise how the womans characters look for the other in *Mean Girls*, based on Christine Delphy's (2009) conception of patriarchy, and the Ann Kaplan's (1995) conception of man's look, through Manuela Penafri's (2009) film analysis. To guide this discussion, we choosed the frameworks scenes to verify how the man's look is inserted in the film. We realized that Jan's appropriate of the man's look and that women's can also this appropriate of this look.

Keywords: Patriarchy. *Mean Girls*. Film analysis. Masculine look.

Introdução

As mulheres sempre foram colocadas em um lado oposto ao masculino, assim, elas eram consideradas o “Outro” dentro da nossa sociedade. As definições e o

¹ Este artigo é uma revisão e atualização do trabalho publicado no XXIII Congresso De Ciências Da Comunicação Na Região Sudeste, em 2018.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa de Jornalismo e Audiovisual (NJA) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJA). E-mail: barbaratorisulemos@gmail.com

entendimento do que é ser mulher, padrão físico e formas de se comportar eram entendidas com base nas representações criadas pelos homens. Para Maria Rita Kehl (2016), esse entendimento que temos das mulheres é a herança de uma visão tradicional, que teve início no final do século XVIII e se estendeu pelos próximos séculos.

Os meios de comunicação adquirem um papel importante nas sociedades, pois elas acabam transmitindo esses padrões e permite que um maior número de pessoas acesse essas informações. Os filmes são objetos de comunicação e também contribuem para a transmissão de informação e criação desses padrões. Além da construção narrativa, o próprio enquadramento feito pelos diretores orientam o olhar do público.

Quando as mulheres são foco do olhar masculino, elas se tornam objetos frente às câmeras. Os espectadores, também, se tornam donos desse olhar ao se colocar na posição de donos desse olhar, quando estão assistindo os filmes que trazem essas mulheres. Laura Mulvey (1983, p.448), afirma que “a beleza da mulher enquanto objeto e o espaço da tela se unem; ela não é mais a portadora da culpa e sim, um produto perfeito, cujo o corpo, estilizado e fragmentado nos close-ups é conteúdo do filme e recipiente direto do olhar do espectador.”

Pensando nessa relação entre a representação feminina e o olhar masculino nas telas do cinema, o presente artigo busca fazer uma análise fílmica de algumas cenas do filme *Meninas Malvadas*. Lançado em 2004, nos Estados Unidos, o filme conta a história de uma adolescente, a Caddy, que se mudou com sua família da África para os Estados Unidos. Com 16 anos, a personagem sempre teve aulas em casa e é a primeira vez que ela vai para uma estudar em uma escola. As cenas escolhidas se passam entre os minutos 07:28 e 08:22.

Ao assistirmos o filme, conseguimos observar que as personagens se apropriam do olhar masculino sobre as outras personagens. Dessa forma, esse enquadramento é oriundo do patriarcado, que como afirma Christine Delphy (2009, p. 173) “(...) o patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens”. Nesse sentido, passamos a entender como o filme se torna um canal que apresenta para o público esse enquadramento.

Para orientar a discussão, utilizamos a reflexão sobre o que é olhar masculino, de Ann Kaplan, e a ideia patriarcado no filme, de Laura Mulvey (1983). A metodologia escolhida para o estudo desse objeto foi a análise fílmica proposto pela Manuela Penafri (2009). A análise das cenas se baseia na utilização da descrição do enquadramento e

pelas falas das personagens, pois é por meio do plano e da sua duração que quem está assistindo consegue entender o que está sendo transmitido, conforme afirma Marcel Martin (2005).

O filme *Meninas Malvadas* é datado do início dos anos 2000 e, até os dias de hoje, ele nos ajuda a entender e identificar como o patriarcado está presente na produção da história do filme e como esses produtos audiovisuais recontam um tipo de disputa entre as próprias as garotas. No filme, um grupo de garotas chamadas de Poderosas domina a escola e todas as demais alunas querem seguir o exemplo delas. Suas principais preocupações estão sempre relacionadas ao seu corpo, roupas e relacionamentos amorosos.

Nesse artigo, voltamos os nossos olhares para a forma como o enquadramento das câmeras reconstitui o olhar masculino dentro da narrativa. Dessa forma, percebemos que esse olhar que objetifica a mulher pode ser utilizado também pelas mulheres devido à construção social que elas obtiveram.

A mulher enquanto objeto do olhar masculino

A convicção baseada na superioridade masculina, também conhecida como falocentrismo, reside no fato de que o homem depende de uma mulher castrada para dar ordem e significado para o seu mundo, conforme comenta Mulvey (1983). Baseada nessa reflexão, podemos perceber que as mulheres são colocadas em nesse lugar do outro e pensar na mulher como um objeto utilizado pelos homens nos filmes.

Para Ann Kaplan (1995), os signos do cinema hollywoodiano estão carregados de uma ideologia patriarcal que são a base para as nossas relações sociais e que dão uma imagem para a mulher, que reflete as necessidades e o inconsciente patriarcal. Para delinear o que consideramos como patriarcado, optamos pela definição da Christine Delphy (2009, p. 173) que entende que o “(...) o patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens”. Dessa forma, Kehl (2016) apresenta que a feminilidade foi uma concepção criada e que apresenta a forma ideal como que as mulheres deveriam ser e afirmar. No entanto, esse imaginário veio da representação das ideias pensadas pelos homens e acabam se tornando um discurso simbólico dentro da sociedade.

Para Kehl (2016), a feminilidade é derivada do conjunto de atributos que são de todas as mulheres devido às suas características físicas e da capacidade de parir. E isso as coloca em no espaço doméstico e na maternidade. Pensando nas formas de representar as mulheres em nosso contexto social, conseguimos perceber que os filmes destinados a elas são em sua maioria aqueles que envolvem o melodrama, romance e questões relacionadas ao dia a dia.

Em seu texto Maureen Turim (2008) faz um panorama da presença da mulher nos filmes hollywoodianos já no século XX. Turim (2008) nos mostra que o próprio conteúdo que era entregue às mulheres vinha dessa perspectiva mais sentimental, do melodrama e do romance. A partir dessa formação da identidade de feminilidade apresentada por Kehl (2016) e do que é “filme de mulher”, apresentado por Turim (2008) percebemos como as próprias mulheres são orientadas a agir.

Para Mulvey (1983), o cinema enquanto sistema de representação avançado coloca questões sobre o modo pelos quais o inconsciente (formado pela ordem dominante) estrutura o modo como o espectador vê a cena e o que é o prazer no olhar. Nesse sentido, percebemos que o cinema é uma forma que os indivíduos possuem como referência para criar as representações do outro. No entanto, somos levados a refletir que ao mesmo tempo que essas imagens dos filmes pautam o olhar dos espectadores, ela também é orientada pelo olhar de quem participa da filmagem, como o diretor, cinegrafista e produtores.

A autora afirma que o cinema não é mais monolítico, ou seja, que se comporta como uma estrutura rígida e de um único material. Com isso, o cinema se transformou e com o desenvolvimento tecnológico, as produções cinematográficas podem ser tanto alternativas como capitalistas. A autora classifica o cinema de duas formas, a primeira é o cinema alternativo, que é um espaço para o aparecimento do cinema radical tanto em um sentido político quanto estético, e que desafia o cinema dominante. A segunda classificação de Mulvey (1983) é o cinema clássico, no qual os filmes de Hollywood e os demais filmes são feitos. Como os filmes estão nessa esfera de influência, as produções resultaram em um aspecto importante da manipulação habilidosa e satisfatória do prazer visual. Dessa forma, estruturado pela sociedade patriarcal, o cinema clássico carrega em suas produções as crenças e os valores dessa sociedade.

O autor Arlindo Machado (2011, p. 3) traz a seguinte concepção da tela do cinema “(...) pode-se mesmo dizer que a tela do cinema funciona como se fosse

transparente: ela própria se torna invisível ao espectador, favorecendo a identificação do designante com o designado, da representação com a realidade, da diegese com a vivência pessoal”. Nessa reflexão, podemos pensar que o espectador ultrapassa a barreira da tela e se sente parte do filme, tomando a visão tanto da câmera, como dos demais personagens, como se fosse a sua.

Pensando nessa possibilidade de demarcação, Ann Kaplan (1995) cita que desde o início dos movimentos de liberação da mulher, as feministas americanas vêm estudando a representação da sexualidade feminina nas artes, na literatura, na pintura, no cinema e na televisão. Para ela, “a crítica feminista, como forma de interpretar os textos emergiu de preocupações correntes de mulheres que reavaliavam a cultura no qual haviam sido criadas e educadas” (1995, p. 43).

As primeiras críticas feministas utilizaram uma abordagem sociológica que analisava os trabalhos imaginativos, os papéis sexuais ocupados pela mulher tanto nas artes clássicas, quanto nos entretenimentos de massa. Kaplan afirma que:

É possível defender a ideia de que os modelos psíquicos criados pelas estruturas capitalistas sociais e interpessoais (principalmente aquelas formas do final do século XIX que perduram até o nosso século) exigiram imediatamente a criação de uma máquina (o cinema) que liberasse seu inconsciente e uma ferramenta analítica (a psicanálise) que compreendesse e ajustasse os distúrbios causados por essa estrutura restrita. (1995, p. 44)

Com base na visão da autora, é necessário que a mulher use a psicanálise como forma de entender os segredos da nossa socialização, que tem como raiz o patriarcado capitalista. Dessa forma, a autora aponta que entender a psicanálise pode contribuir para explicar quais são as necessidades, os desejos e as posições assumidas pelo homem e pela mulher que são refletidas nos filmes.

A partir desse contexto, podemos perceber que esse olhar sobre a mulher no cinema é um olhar masculino que é oriundo das construções das relações sociais e da dominação masculina que coloca a mulher enquanto o “outro”. Segundo Kaplan (1995), o patriarcado constrói a sexualidade de modo que ele torna a mulher submissa e objeto de dominação. Partindo dessas reflexões, podemos constatar que a mulher no cinema se torna um objeto para o olhar masculino e ela não participa como personagem da trama, mas sim como algo para ser visto.

Com base nesses apontamentos, a questão que norteia esse artigo é que no filme, *Meninas Malvadas* as personagens se apropriam do que seria o olhar masculino, que deseja transforma a mulher em objeto de desejo e passam a usá-lo para retratar outras personagens que estão inseridas na trama. O principal acontecimento no filme que nos faz refletir sobre o olhar masculino nas telas é por meio das falas de Janis Ian, pois quando ela descreve o corpo e faz uma pequena biografia das personagens, Regina George, Gretchen Wieners e a Karen Smith, a câmera enquadra as partes dos corpos dessas meninas. Nessa situação, o equipamento de filmagem se torna os olhos dos próprios personagens que estão observando e dos espectadores que acompanham a cena.

Quando olhamos as mulheres que estão na frente a tela, ela “(...) se coloca como depositária passiva do desejo masculino, ou, afastando-se, como espectadora de uma outra mulher que é depositária passiva dos desejos masculinos e dos atos sexuais” (KAPLAN, 1995, p. 47- 48). A partir dessa concepção, o homem é o possuidor do desejo e a mulher troca de lugar e passa ser aquele “objeto” de aspiração masculina.

O cinema dominante codificou o erótico dentro da linguagem da ordem patriarcal dominante. E foi somente através dos códigos do cinema desenvolvidos de Hollywood que o sujeito alienado, dilacerado em sua memória imaginária por um sentido de perda, pelo terror de uma falta potencial na fantasia, conseguiu alcançar uma ponta de satisfação através da beleza formal desse cinema e do jogo com as próprias obsessões formativas. (MULVEY, 1983, p. 400)

Kaplan (1995) comenta que a nossa cultura está profundamente comprometida com os mitos das diferenças sexuais, chamadas de “masculino” e “feminino”, que estão ligadas às formas de olhar e do modelo de domínio e submissão. Mulvey (1983, p. 438) completa essa afirmação falando que a mulher existe na cultura patriarcal, apenas com o significado que os homens dão para ela. Ela está presa por uma ordem simbólica, na qual o homem exprime suas fantasias e sua obsessão através do comando linguístico, com uma imposição sobre a imagem silenciosa da mulher. Dessa forma, a mulher fica presa à posição de portadora de significado e não se torna uma criadora de significado.

Os filmes podem representar esse olhar dominante do patriarcado e apresentar objetos que são considerados como a forma de prazer para os olhares masculinos. Mulvey (1983) comenta que o cinema traz diversas formas de prazeres possíveis, assim, ela aborda o conceito de escopofilia que é o gosto por olhar e o desejo de ter prazer pela

observação. Essa ideia é originária de Freud e é associada com o ato de tornar as pessoas objetos.

Nessa perspectiva, Kaplan (1995) comenta que além desse olhar produzido pelos filmes, o espectador está na posição de *voyeur*, quando há cenas de sexo na tela. A partir dessa posição em que a mulher é colocada, sua imagem é sexualizada, e não importa o que ela esteja fazendo ou qual trama elas estão envolvidas.

A criação desse olhar erotizado da mulher na tela foi criada a partir de três olhares masculinos. Nesse caso, Kaplan (1995) os separa entre, o olhar da câmera que vem do homem filmando; o olhar do homem dentro da narrativa, que faz a mulher de objeto do seu olhar e o olhar do espectador masculino, que imita os outros dois olhares, o que nos ajuda a entender como esses enquadramentos são formados.

Com base nos filmes destinados para as mulheres, as autoras Suzanne Feriss e Mallory Yong (2007) afirmam que na altura dos movimentos de libertação da mulher, nos anos de 1970, a palavra *chick*, junto à palavra menina era considerado insulto, uma diminuição humilhante, como se estivessem considerando as mulheres infantis, delicadas, criaturas fofas que precisava da proteção e orientação ou como anexos da cintura de jovens homens.

FERISS E YONG (2008, p. 2-3) comentam que “para as feministas do período – aquelas conhecidas como a segunda onda feminista – o surgimento contemporâneo desses termos significa o retorno para a infantilização da mulher e uma falha nos seus esforços para criar uma sociedade baseada na igualdade de gênero”³ (tradução própria). Nessa perspectiva, as autoras apontam que para as mulheres de uma geração mais nova, mesmo que a palavra *chick* seja utilizada para denominar prostituta, elas têm feito o uso desse termo conscientemente para transmitir solidariedade e sinal de empoderamento.

As mulheres da geração mais nova nasceram com o feminismo como sua herança, que pode ser referido à terceira onda do feminismo ou o pós-feminismo, e que rejeitaram e questionaram alguns princípios do feminismo. Para Feriss e Yong (2007), o termo *chick* e a *chick culture* estão ligados ao pós-feminismo.

Partindo dessa explicação, *chick flicks* reflete todas as características culturais associadas com a estética *chick* pós-feminista, que é o retorno à feminilidade, a primazia das ligações românticas, o poder da garota, o foco no prazer feminino e no prazer, e o

³ Tradução nossa de: “To the second feminists harking from the period - the now know as second-wave feminists - the contemporary revival of those terms signals a return to the infantilizing of women and a failure of their efforts to create a society based on gender equality” (FERISS E YONG, 2008, p. 2-3).

valor à cultura do consumo e bens de meninas, incluindo roupas de grife, sapatos caros e impraticáveis e acessórios da moda. As autoras apresentam que as *chick flicks* sempre são acusados de promover um retrocesso ao problemas pré-feministas e do impensável consumismo e por isso, esse conceito não promove uma liberdade verdadeira das mulheres. A partir disso, podemos ver que as mulheres possuem mais liberdade de escolha do que elas tinham antes, no entanto, elas ainda ficam restritas as atividades mais ligadas ao universo da feminilidade, como fazer compras e ao mesmo tempo cozinhar.

Em *Meninas Malvadas*, as personagens femininas representam esse período de mais direito sobre seu corpo. Elas se vestem da forma que elas desejam, tomam suas decisões, mas elas ficam presas à essas questões que Feriss e Young (2007) trouxeram, como a preocupação com o romance, seu corpo, a moda e o romance. A partir dessa passagem, podemos perceber que as críticas voltadas às *chick flicks* estão ligadas à ideia de que na terceira onda do feminismo, os valores e as preocupações do período pré-feminista são retomados. Nesse caso, o pós-feminismo traz valores relacionados à beleza e, ao mesmo tempo, valores ligados à independência dessas mulheres. Feriss e Yong (2007) comentam que a admissão das coisas de menina não significa que as mulheres perderam o seu poder de independência.

O presente artigo tem como objetivo fazer uma análise fílmica de um trecho do filme *Meninas Malvadas* (2004), para fazermos uma discussão do que seria a representação do olhar masculino. Para fazer esse trabalho, vamos fazer um estudo de como as personagens do filme se apropriam desse enquadramento, para descrever e caracterizar as outras personagens.

As Meninas Malvadas

Meninas Malvadas (*Mean Girls*) foi lançado no dia 9 de julho de 2004. O filme foi dirigido por Mark Waters e com o roteiro de Tina Fey. O filme conta a história de Cady Heron, interpretada por Lindsay Lohan, que cresceu na África, que sempre estudou em casa e nunca foi a uma escola. No entanto, a sua realidade muda quando ela retorna aos Estados Unidos, seus pais a matricularam em uma escola pública, dando início à vida estudantil de Cady.

Na escola, Cady Heron conhece Janie e Damian que são personagens que podemos considerar como sendo fora dos padrões, no quesito físico e estilo de vestimenta. Janie possui um cabelo escuro, usa maquiagens mais pesada e escolher roupas que se diferenciam do que é utilizado pelas outras garotas da trama, que são roupas curtas e cabelos longos sempre soltos e em tons mais claros. Já Damian, outro personagem é gay, alto e gordo.

A trama do filme se baseia na relação que Cady cria com as personagens conhecidas como as Poderosas, *Plastics*. Por ser uma aluna nova e se enquadrar no *regular hottie*⁴ as garotas poderosas começam a interagir com ela e a convidam para fazer parte do seu grupo. Esse grupo é composto por três garotas, Karen Smith, Gretchen Wieners e Regina George. Damian as define como sendo a realeza da escola. Em um exemplo, Damian comenta que se a escola fosse uma revista, elas sairiam na capa. Essa passagem, no filme, serve para mostrar qual a participação que essas três personagens têm no ambiente escolar, como as garotas populares, que conhecem todos e se tornam o padrão a ser seguido pelas demais.

Deirdre M. Kelly e Shauana Pomerantz (2009) descrevem o filme como sendo um bem-vindo à selva. Para elas, no filme, as garotas são as *ultimate "bitches"*, que se usam em uma cruel estratégia de jogo de poder digno de melodramas. As autoras associam o filme ao mundo selvagem devido a essa disputa que as personagens têm pelo poder no ambiente escolar. O poder é como o regulador da feminilidade e da heterossexualidade na escola. O filme é baseado na premissa de que ser desleal garante o acesso das garotas ao prêmio mais alto, a popularidade na escola. O nome *Plastics* vem da perfeição física e da frieza de objetos, como as bonecas de plástico. Essa ideia, também, se associa com o conceito de espofilia de Mulvey (1983), sobre o prazer pela observação e tornar as pessoas objetos dessas visões. Kelly e Pomerantz (2009) comentam que para as garotas, a popularidade vem da magreza, da imagem sexy, cabelos longos e da aquisição de um namorado popular. Além disso, a popularidade é vista como um código que é implícito nesse meio branco, heterossexual e de classe média e alta.

Após essa leitura, conseguimos perceber quais elementos desse universo organizam as relações existentes entre as personagens e qual é o foco do enquadramento

⁴ Janie Ian, amiga de Cady, comenta que ela é uma *regular hottie*. Nessa situação, ela quis dizer que ela segue os padrões de beleza da sociedade. Cady é branca, classe média alta, tem os olhos claros e cabelo liso.

da câmera. As personagens se orientam pelos padrões que são exibidos pelas Poderosas para se relacionar no ambiente escolar.

A análise de Minas Malvadas

Com base nesses conceitos de patriarcado, a representação do olhar masculino, a mulher como objeto e a disputa pelo poder que estão inseridos no contexto do filme, optamos por fazer uma análise fílmica para entender como eles são empregados no processo de objetificação da mulher. Segundo a autora Manuela Penafria (2009), o objetivo da análise fílmica é de explicar e esclarecer os funcionamentos de um determinado filme e propor-lhe uma interpretação.

Para a autora, a análise fílmica implica em duas etapas. A primeira é decompor, nesse caso, descrever as cenas. A segunda consiste em estabelecer e compreender a relação entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar.

A decomposição é feita, pois existem conceitos relativos à imagem, como fazer a descrição dos planos, enquadramento e ângulos, o som, como o *in* e o *off*, e a estrutura do filme e as cenas, que ajudam nesse processo da análise. Para a autora, “após a identificação desses elementos é necessário perceber a articulação entre os mesmos. Trata-se de fazer uma reconstrução para perceber de que modo esses elementos foram associados num determinado filme” (PENAFRIA, 2009, p.1-2).

Para realizar a análise fílmica, optamos por fazê-la por meio do estudo da imagem e do som, assim, “esse tipo de análise entende o filme como meio de extensão” (PENAFRIA, 2009, p. 7). Nesse caso, este tipo de estudo pode ser considerado como sendo do espaço fílmico, pois ele centra-se no espaço cinematográfico e utiliza dos próprios conceitos cinematográficos.

Segundo Penafria (2009), esse tipo de análise nos ajuda a encontrar o modo como o realizador concebe o cinema e como o cinema é um meio que nos permite pensar e lançar novos olhares sobre o mundo. Nesse sentido, vamos utilizar essas possibilidades trazidas pela análise fílmica para estudar como os personagens de Garotas Malvadas fazem o uso do olhar masculino para lançar uma reflexão sobre os demais personagens.

A primeira parte da metodologia consiste na identificação das seguintes informações:

- 1 - Título (português): Meninas Malvadas

2 - Título original: *Mean Girl*

3 - Ano: 2004

4 - País: Estados Unidos

5 - Gênero: comédia romântica

6 - Duração: 1 hora e 36 minutos

7 - Ficha técnica: Direção: Mark Waters Roteirista: Tina Fey Elenco: Lindsay Lohan, Rachel McAdams, Tina Fey, Tim Meadows, Amy Poehler, Ana Gasteyer, Lizza Caplan, Daniel Franzese, Neil Flynn, Amanda Seyfried e Jonatan Bennett

8 - Sinopse: a vida no ensino médio é uma selva na qual um bom batom e um salto agulha funcionam melhor do que arco e flecha. Cady entra para a turma mais popular da escola, mas as coisas ficam complicadas quando o ex-namorado da líder da turma quer namorá-la.

9- Temas do filme: comédias, comédias cult e comédias adolescentes.⁵

A segunda parte é chamada de dinâmica da narrativa, que é quando ocorre a decomposição em partes da sequência ou das cenas é feita. Para fazer o estudo, optamos por utilizar os enquadramentos das cenas, pois conforme Marcel Martin (2005), a dimensão do plano e a sua duração são condicionadas em forma que o espectador tenha o tempo necessário para compreender o conteúdo do plano. Nessa perspectiva, concordamos quando Martin (2005) afirma que a grandeza do plano, seu nome e o lugar na nomenclatura técnica são definidos pela distância entre a câmera e o assunto, ou seja, a distância focal da objetiva utilizada. Para o autor,

a escolha de cada plano é condicionada pela necessária clareza da narração: deve existir uma adequação entre a dimensão do plano e do seu conteúdo material, por outro lado (o plano é tanto maior ou aproximado quanto menos coisa nele houver para ver) e o seu conteúdo dramático, por outro lado (o plano é tanto maior quanto sua contribuição dramática ou a sua significação ideológica forem grandes). (MARTIN, 2005, p. 47)

A partir desses apontamentos feitos por Martin (2005) sobre as questões que norteiam o enquadramento, que justificam a sua escolha para realizar a análise fílmica

⁵ 7 Essas informações foram tiradas do Netflix, que é um serviço de transmissão online que permite aos clientes assistir uma ampla variedade de séries, filmes e documentários premiados em milhares de aparelhos conectados à internet. Informações tiradas do site da Netflix.

de Minas Malvadas. A sequência escolhida para análise começa quando Janis e Damian falam que vão mostrar para Cady onde é uma sala que ela teria aula. Porém, eles a levam para o campo da escola e ficam sentados faltando a aula. Janis começa perguntando como se escreve o nome de Cady. Em um meio primeiro plano de Cady e com pouca profundidade de campo, Damian fala “olha só o uniforme da Karen Smith” (imagem 1).

Imagem 1 – Cady, Janis e Damian comentando das Poderosas



Fonte: frame do filme, Meninas malvadas

Imagem 2 – Gretchen, Karen e Regina chegando para a aula de ginastica



Fonte: frame do filme, Meninas malvadas

A câmera se muda para trás dos três personagens, que continuam sentados, em um plano geral. Com mais profundidade de campo, é possível ver vários alunos chegando no campo, enquanto os três personagens observam.

Em um plano conjunto, aparece Karen e Gretchen andando, enquanto isso, Gretchen fala no celular e Regina aparece no canto direito da tela, sendo carregada por alguns garotos (imagem 2). Nessa cena, Janis fala “as poderosas fazem ginástica

juntas”. Antes de terminar a frase, o enquadramento muda para um meio primeiro plano de Janis.

O próximo enquadramento é um meio primeiro plano de Cady, que pergunta “Quem são as poderosas?” (Imagem 3). A personagem fica olhando para Damian aguardando a resposta, enquanto o personagem com o rosto no canto direito da tela aparece desfocado, porém, o sentido que seu rosto indica é que ele está olhando as Poderosas entrarem no campo.

Imagem 3 – Cady pergunta que são as poderosas



Fonte: frame do filme, Meninas malvadas

Damian vira para Cady e o enquadramento da câmera se torna um plano médio de Cady, Damian e Janis sentados. Damian responde olhando para Cady “elas são a realidade da escola”. Cady olha para o campo parecendo procurar identificar quem são essas personagens, enquanto Janis acompanha o que Damian fala.

Neste mesmo plano, Damian comenta “se a escola fosse uma revista, elas estariam na capa”. A cena volta para um plano médio de Gretchen e Karen andando, enquanto Damian termina sua frase. Karen aparece em plano médio e Janis comenta “aquela é Karen Smith, uma das meninas mais burras do mundo” (imagem 4). Em um plano sequência, Karen aparece tentando pegar uma bola que bate em seus peitos e caiu no chão. Logo, vem uma cena que mostra a bola caindo no chão, após quicar em Karen.

Imagem 4 – Karen sendo enquadrada para a descrição de Janis



Fonte: frame do filme, Meninas malvadas

Janis é enquadrada em um meio primeiro plano, quando ela começa a frase “Damian se sentava ao lado dela”. A cena muda para um meio primeiro plano de Damian, com a presença de Cady do lado esquerdo, com o sentido do rosto para o personagem, enquanto ele fala “ela me pediu para soletrar ‘laranja’”. Com a ideia de que a afirmação de Damian reforça o comentário de Janis de que Karen é uma menina burra. A câmera muda de lado e enquadra Cady em um meio primeiro plano, que ri do comentário feito pelo amigo.

A próxima cena é um plano médio de Gretchen Wieners, que fala ao celular. Janis fala que “a baixinha é Gretchen Wieners”. Nessa cena, Gretchen leva uma bolada na cabeça e cai no campo. Damian começa a falar que ela é rica e se pai inventou a torta de torradeira (imagem 5). A cena muda para um médio primeiro plano de Damian, que termina a frase olhando para Cady.

Imagem 5 – Gretchen após levar uma bolada na cabeça e Regina está sendo carregada



Fonte: frame do filme, Meninas malvadas

A próxima cena é meio primeiro plano de Janis que fala que Gretchen sabe tudo da vida de todos. Damian aparece em um primeiro plano médio, com a presença de Cady no canto esquerdo, os dois personagens têm o rosto voltados para o lado direito, no sentido do campo.

Cady é enquadrada em um médio primeiro plano, enquanto ela olha para o campo e Janis inicia fala que a Regina George é a maldade em forma de gente. O enquadramento muda para Regina enquanto ela é carregada nos ombros de uns garotos e Janis continua sua frase descrevendo a personagem (imagem 6).

Imagem 6 – Regina Jorge sendo carregada pelos rapazes da escola



Fonte: frame do filme, Meninas malvadas

O próximo plano é um médio primeiro plano de Cady, que olha para Regina. Janis comenta, que ela pode parecer uma perua típica, egoísta e traiçoeira, e em um plano médio, a cena muda para mostrar Regina descendo do ombro dos garotos (imagem 7). Voltando ao médio primeiro plano de Cady que olha para Regina, Janis continua sua fala, que ela é bem pior que isso”. O próximo plano é médio e registra Regina com a mão na cintura mandando um beijo para um garoto. Janis termina sua fala e Damian começa a sua “ela é a abelha rainha. As outras são operárias”.

Imagem 7 – Regina chegando na aula



Fonte: frame do filme, Meninas malvadas

Esse plano é uma sequência, na qual Regina vai encontrar suas amigas. Janis começa a falar “Regina George... Como descrever Regina George? ”. O plano volta para um médio primeiro plano de Janis que termina sua frase. Esse conjunto de cenas foi escolhido para ser analisado neste presente artigo, pois a ideia é mostrar como o discurso da personagem Janie reflete a representação do olhar masculino sobre as personagens Poderosas, mais especificamente sobre a Regina George.

Quando observamos a sequências de cenas que compõe essa narrativa, conseguimos perceber que as demais personagens fazem o uso desse olhar masculino para lançar uma definição das demais personagens. As falas guiam a forma como vamos observar o que está sendo enquadrado. O jogo de cenas que enquadra os rostos de Cady, Jane e Damian (imagem 1 e 3) nos leva para o seu diálogo e que são eles os responsáveis por essa orientação. Já o enquadramento de Karen, Gretchen e Regina (imagens 2,4,5,6 e 7) nos permite entender qual a leitura dos os outros personagens estão fazendo delas.

O olhar masculino nesse caso está presente na forma como os próprios personagens olham para as Poderosas, com base nesse referencial social de que as mulheres são objetos para os homens olhares.

Devido à influência do patriarcado, na produção dos filmes, a personagem Janis se apropria do olhar masculino para poder descrever e apresentar as outras personagens. Por mais que esse olhar tenha o nome de masculino, ele não é única e exclusivamente usado pelos homens. O filme mostra que mesmo as mulheres podem tomar posse dessa posição e olhar para as outras mulheres com o olhar masculino.

Conclusão

Com base nos conceitos e na metodologia usada para fazer a análise do filme, podemos perceber como a Janis, do filme *Meninas Malvadas*, em sua fala nas cenas analisadas representa ideia do olhar masculino. A partir dessa análise, Janis ocupa essa posição masculina, conforme aponta Kaplan (1995) “o olhar não é necessariamente masculino (literalmente), mas para possuir e ativar o olhar, devido à nossa linguagem e à estrutura do inconsciente, é necessário que esteja na posição ‘masculina’”. (KAPLAN, 1995, p. 54).

O filme *Garotas Malvadas* tem sua história baseada na disputa que algumas meninas criam pelo poder na escola, que está baseado em popularidade, heterossexualidade e o tipo físicos. Essas visões são criadas para mostrar como o olhar masculino está inserido na nossa sociedade de forma subjetiva. Qualquer mulher pode adquirir esse olhar. Nesse caso, ela passa a ter a ilusão de possuir poder igual aos dos homes e objetificam essa mulher.

Referência

DELPHY, Christine Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, Helena. LABORIE, Françoise. DOARÉ, Hélène Le. SENOTIER, Danièle (Orgs). **Dicionário Crítico Do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP. 2009.

KAPLAN, Ann. **A mulher e o cinema: os dois lados da câmera**. Rio de Janeiro: Rocca, 1995.

KEHL, Maria Rita. A constituição da feminilidade no século XIX. In KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminismo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Irmal (Org.). **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TURIM, Maureen. Women's films. Comedy, drama, romance. In: FERRISS, Suzanne; YOUNG, Mallory (eds.). **Chick flicks: contemporary women at the movies**. Nova York e Londres: Routledge, 2008.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Lisboa: Dinalivro, 2005.

MACHADO, Arlindo. **O sujeito no ciberespaço**. Trabalho apresentado no XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, 2001. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/29708550691795394214029897104174778288.pdf>>. Acesso em 16 de abril de 2020.

PENAFRI, Manuela. **Análise de filmes: conceitos e metodologia(s)**. IV Congresso SOPCOM, abril de 2009.